

Resenhas Bibliográficas

SUBÚRBIO - José de Souza Martins, Hucitec, Prefeitura Municipal de São Caetano do Sul, São Paulo, 1992

Odette Carvalho de Lima Seabra¹

Nesta obra inscreve-se um importante e fundamental marco para o entendimento de São Paulo tanto pelo rigor analítico da obra, o que lhe empresta muitos méritos, mas, essencialmente pela inversão de perspectiva adotada. Trata-se de ver São Paulo, pela ótica da sua periferia suburbana como resultado da redefinição das relações entre a cidade e o seu subúrbio no último quartel do séc. XIX. Isto é, já considerar a alienação do morador em relação com a sua cidade. Nos diz o autor; no centro a alienação de um saber sem raiz, de uma cultura sem base de sustentação, de um divórcio entre o concebido e o vivido. No subúrbio uma alienação particular que resulta num cidadão menor porque para ele a cidade foi menos real, um real de um modo insuficiente, incompleto, parcial. A história do subúrbio é diversa da história no subúrbio. Pois, se a cidade é o lugar da festa o subúrbio será essencialmente o lugar do sofrimento e da tragédia; a cidade era sã o subúrbio malsão; saúde equivale a ordem e doença a desordem.

Subúrbio é a História social de um lugar. Lugar que foi ganhando realidade na construção do espaço social da indústria. O

1 Professora do Departamento de Geografia - FFLCH - USP

lugar é São Caetano. Dele se tratará, desde os primórdios, desde a decisão do Governo Provincial em ali fixar uma colônia agrícola com imigrantes italianos.

A complexificação das relações, dos produtos das instituições, dos personagens da fala e dos personagens do silêncio vão ganhando forma e a narrativa flui. Como numa viagem através do tempo desfilam e ganham realidade personagens como o imperador, renascem eventos, conflitos, confrontos, situações particulares, que se projetaram no imaginário da sociedade.

Imaginário que o autor reconstitui e interpreta à luz de minuciosa pesquisa.

Mas o estabelecimento da colônia de São Caetano faz parte do que o autor denomina fantasia iluminista das elites sobre o fim do escravismo e suas consequências sociais e econômicas. Uma sociedade de homens livres, fundada na ordem política republicana. Nesse sonho a cidade de São Paulo aparecia atravessada pelo maior símbolo da revolução econômica, a locomotiva, cercada de um verdadeiro jardim de plantas e frutos europeus.

São mostrados limites à manutenção da colônia, portanto a sua reprodução, à continuidade da sobrevivência dos colonos na geração seguinte. Assim é que os documentos da época deixam evidentes a competição que houve entre colonos pelas poucas terras ainda disponíveis no núcleo colonial. Pois as possibilidades de expansão, aliás, eram claramente pequenas devido a inexistência de terras devolutas e devido, sobretudo, ao reconhecimento dos direitos dos antigos posseiros e foreiros da Ordem de São Bento sobre as terras que ocupavam.

Memória e História parecem ser o sentido desta obra. O que, porque é preciso lembrar?

O autor responde: Carece de memória histórica o desenraizado, o migrante. Os velhos e os jovens; estes cuja vida foi privada

de sentido porque cotidiana e fragmentária. Aqueles que vivem a falta de História como carência e privação. Por isso uns não têm o que deixar e os outros não têm o que herdar. Velhos e jovens, ambos condenados. Uns ao trabalho que no fim da vida mostra-se sem sentido; outros condenados ao vazio da falta de emprego, de lugar, de perspectiva, logo, sobrando e prematuramente excluído.

Em o tempo da pobreza e do trabalho na memória, nos é mostrado que a "História local é hoje produto do esquecimento progressivo, ao invés de ser produto de uma lembrança consolidada de uma reconstrução acumulada e documentada de informações e interpretações" (p. 29). Que a História foi deformada por uma perspectiva triunfalista como atesta a placa de mármore colocada na fachada da matriz velha.

No tempo da pobreza e do trabalho a sociabilidade dos colonos esteve dominada pelo luto, suas regras e interdições. A morte era ainda um fato coletivo. O luto tinha precedência sobre a festa até porque não existia a festa pela festa.

Documentos pesquisados em diversos arquivos na Itália, mostram duras avaliações: "...as cidades estão cheias de ruas onde o povo chora de fome, sem poder encontrar trabalho" (p.37).

A colônia sobreviveu, foram cultivadas videiras, frutas e legumes. Não obstante alguns colonos foram lançados a economia marginal da população cabocla da região: o extrativismo (p. 37). E em 1890, apenas 13 anos do estabelecimento da colônia deu-se a primeira venda de terras de colonos para grandes proprietários, sobretudo industriais.

Na primeira década do século a agricultura já estava praticamente desaparecendo; o camponês dava lugar ao operário, ao mesmo tempo que se definia um cenário peculiar para a indústria, o típico cenário suburbano: edifícios industriais implantados no meio de uma zona agrícola.

Não só em consequência da renda territorial urbana mais barata fora do que dentro da cidade, mas, também por razões higiênicas a indústria foi banida do urbano para o suburbano. A partir de então o subúrbio aparecerá como o espaço deteriorado pela industrialização e o urbano precariamente constituído. No amplo espaço em que a indústria paulistana se desenvolveu entre o final do século passado e as primeiras décadas deste século não há limites abruptos separando o rural e o urbano.

A dupla moral da sociedade que separava o universo existencial masculino do feminino e que às mulheres impunha uma dura vida de confinamento e de trabalho começa romper-se quando nas fábricas as mulheres ganham expressão pública. A indústria chegava a São Caetano.

A propósito da indústria há que ser destacado que este estudo reitera a singular tese sobre a gênese da industrialização de São Paulo. Vê-se que a indústria paulistana não nasceu concentrada, não nasceu em áreas com definido perfil urbano e fabril.

Inicialmente as indústrias foram se estabelecendo nas construções existentes, pois funcionavam numa escala técnica modesta muitas das quais eram apenas aglomerados de artesãos trabalhando sob orientação de um mestre patrão, também ele operário.

A discussão da classe operária, sua configuração e problemática vem como complemento necessário da indústria. E nesse sentido ainda uma vez se reitera que a extinção da escravidão não produziu o proletário da fábrica. Produziu a categoria ambígua de trabalhador livre. São Caetano foi um dos lugares escolhidos para ensaiar a introdução do trabalho livre na Província de São Paulo e também no Brasil, na versão de trabalho agrícola. A história do subúrbio mostra que o operário foi nascendo das adversidades do trabalhador livre das ameaças e riscos a sua autonomia, das limitações que foi encontrando para se reprodu-

zir cotidianamente e ao longo de gerações como livre e trabalhador, da pobreza enfim que foi alcançando aos poucos.

"No subúrbio, a sociedade enlouquecia com as dores do parto da História. E a História parecia crime". Processo que é exemplarmente mostrado na análise do conflito da transformação do artesão em operário. Processo no qual a disciplina de trabalho fabril se impunha como organizador da vida, quando o trabalho concreto deixava de pertencer ao trabalhador porque se integrava abstratamente ao trabalho social. No relato da morte a tiros do casal Castelli pelo operário Paolo Michelini está reconstituído este processo.

A quem interessa este livro?

Interessa a todos porque em "Subúrbio" está universalizada a temática do lugar. As referências históricas de lugar como construção social e política que naturalmente, espontaneamente fazem parte da vida tendem a se desfazer no ritmo e nos ritos próprios da sociedade urbano-industrial. Por isso a memória e a história só podem ser vividas como intencionalidade. E é fundamental ter estas intenções, fazendo a busca da memória e da história para fundamentar opiniões, atitudes e posturas diante da vida.

1875